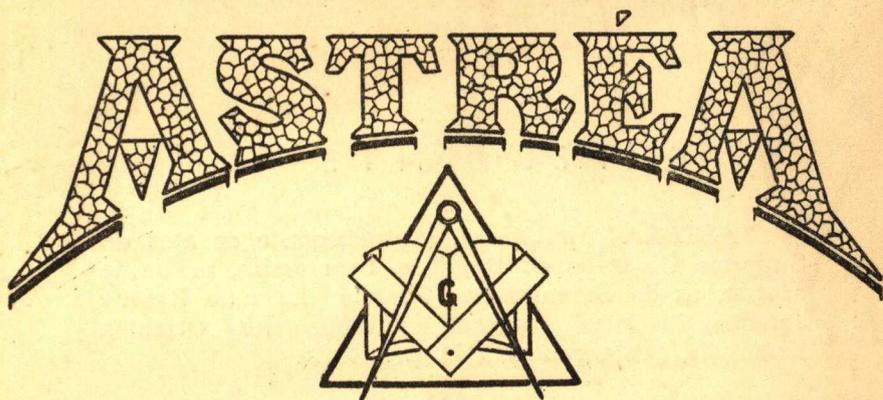


José Maria Lopes Henriques

JULHO 1947
RIO DE JANEIRO

ANO VII — N.º 12
BRASIL



REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS

— SUMÁRIO —

O Congresso da Bahia
Pedra Simbólica — Soneto
Gr. : Loj. : do Rio de Janeiro
Sessão Funebre
Concepção Filosófica da Maçonaria
Um Ataque
Solidariedade Maçônica
A Marcha vitoriosa da Maçonaria
Gr. : Or. : Unido
Dr. Hugo Martins Ferreira
Noticiário
Redação

CORPO REDATORIAL

Redator Responsavel — **DR. EDGARD ANTUNES DE ALENCAR**

Redator Secretario — **DR. DANIEL CORREA TRINDADE**

EXPEDIENTE

“ASTRÉA” publicará, gratuitamente os atos do Supremo Conselho do Brasil, e, bem assim, mediante acordo, os da Serenissima Grande Loja do Rio de Janeiro, das suas co-irmãs e dos Grandes Orientes Estaduais, pertencentes á Maç. Reg.:

Revista de carater exclusivamente maçõnico, tem publicação mensal.

Aceita colaboração gratuita de todos os maçons de qualquer jurisdição, permitindo o uso de pseudonimos, mas devidamente assinada, por seus autores e com seus endereços, para governo da Redação.

Os originais não serão devolvidos, mesmo que não sejam publicados.

Qualquer correspondencia deve ser dirigida para a Caixa Postal, 2486.

Permutamos com revistas e jornais maçõnicos.

PREÇO DA ASSINATURA

BRASIL

Por ano	Cr\$ 50,00
Numero avulso	Cr\$ 5,00

ESTRANGEIRO

Cr\$ 100,00

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

REDATOR RESPONSÁVEL — Edgard Antunes de Alencar

REDATOR SECRETARIO — Daniel Corrêa Trindade

O CONGRESSO DA BAHIA

Por iniciativa das Grandes Lojas do Rio de Janeiro e São Paulo e do Gr. . . Or. . . do Estado do Rio, a Maçonaria regular, no Brasil, irá realizar, em novembro do corrente ano, na cidade do Salvador, Estado da Bahia, o Congresso das Grandes Lojas do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Esse Congresso, o maior e mais importante conclave da Maçonaria Simbólica, a reunir-se após a cisão da Ord. . . , em 1927, promete revestir-se de uma solenidade incomum, não só pelo grande número de representantes do simbolismo escocês, como também pela relevância do Temário a ser pôsto em debate.

As pequenas dúvidas que se tem levantado, ora n'um, ora noutro Or. . . , decorrentes de pontos ainda controvertidos, e os assuntos de interêsse coletivo para os altos corpos simbólicos e lojas dependentes, em todos os sectores do país, serão solucionadas, estamos disso seguros, com desprendimento, alto des-cortino e amôr á Instituição.

O Temário preparado com sabedoria pelas potências organizadoras abrange o conjunto de todos os problemas a solucionar.

O que não se pôde conseguir no 1.º Congresso das Grandes Lojas, em 1935, realizado, aliás, em fôrma de simples Conferência, vamos obter na reunião de novembro, com êxito, proficiência e real interêsse para os corpos que formam a Cadeia Maç. . . , regular, do Escocismo, no Brasil.

Estão surgindo teses extra-Temário oficial, o que demonstra o acêrto da medida tomada e o carinho que estão todos dispensando ao magno assunto.

A Bahia, séde escolhida para a reunião do Congresso, vai certamente receber em sua Gr. . . Loja os elementos mais se-

letos do Simbolismo e si o Gr. . . Arq. . . do Un. . . permitir, assistirmos, ainda que como simples observadores, o brilho dessa Conferencia Nacional, brilho que há de ser notável, seja pelos detentores da eloquência, seja pelos conhecimentos das coisas maçônicas a serem debatidas.

O frenesi, que se vem notando em todos os Orientes, é uma prova eloquente do entusiasmo do Povo Simbólico do Rit. . . Esc. . . A. . . e A. . . e a importancia desse certame decorre do fato de ser o primeiro a realizar-se após o tremendo período de guerra que envolveu os povos do Universo.

Nós que aqui vivemos numa atmosfera calma e de liberdade, n'um regime de paz, de ordem e progresso, podemos estudar os nossos problemas e resolvê-los com sabedoria e prudência, dentro desse ambiente de prosperidade que une os Corpos Subordinados ao Rit. . . Esc. . .

Aguardemos, com plena confiança no Gr. . . Arq. . . do Un. . . pelo êxito do nosso empreendimento, como é, aliás, do desejo de todos que formam conosco a Cadeia Regular do Escocismo, no Brasil.

Pedra Simbólica

(De Mario Bento Gonçalves, á Comissão Instaladora da Aug. . . e Resp. . . Loj. . . Simb. . . «Mestre Higinio Cunha ao Or. . . de Terezina, Estado do Piauí).

Como operario pobre a pedra bruta malho,
Deixando ali um traço humano vivo e forte,
Imprimindo a virtude, a moral, o trabalho,
Enfrentando da vida os vendavais da sorte.

Como o escultor que lima a pedra num recorte,
O verso alexandrino assim tambem retalho,
Dando-lhe forma e fundo, estilo, graça e porte,
E a pena é o camartelo, e os sinões, o cascalho!

Como um astro que cintila em pleno azul, no espaço,
O pensamento a Deus elevo, quando escrevo
Pedindo inspiração no mais singelo traço.

Como alguém que perdeu a vitoria na luta,
E firme recomeça a batalhar, eu devo
Na ansia de perfeição, bater na pedra bruta!



GRANDE LOJA DO RIO DE JANEIRO

ATO N.º 317

O DOUTOR EURICO DE FIGUEIREDO SAMPAIO, GRÃO MESTRE DA SERENÍSSIMA GRANDE LOJA DO RIO DE JANEIRO,

FAZ SABER a todas as Lojas e Maçons da Jurisdição, assim como a todos os Altos Corpos Simbólicos Regulares espalhados pelo Orbe, que de acordo com os poderes que lhe são conferidos pela Constituição, em seu item II, art. 24, Capítulo II, houve por bem NOMEAR seu Delegado o Ven. Ir. Dr. Edgard Antunes de Alencar, para instalar a Loj. Simb. N.º 31, "Mestre Higino Cunha", com séde em Terezina, Estado do Piauí, juntamente com mais dois Iir. a serem designados pelo mesmo Ven. Ir. Dr. Edgar Antunes de Alencar:

O Grande Secretario — Chanceler é o encarregado da publicação e registro do presente Ato.

Dado e traçado no Gabinete do Grão Mestre da Sereníssima Grande Loja do Rio de Janeiro, aos vinte e quatro dias do mês de abril do ano de mil novecentos e quarenta e oito.

Eurico de Figueiredo Sampaio

José Rodrigues
Grande Secretário — Chanceler.

Reg. sob o N.º 317, fls. 89 V.

Gr. Sec. 24 de Abril de 1948.

José Rodrigues
Grande Secretário

CORPO ADMINISTRATIVO DA SERENISS. . GR. . DO RIO
DE JANEIRO NO PERIODO DE 1948 — 1949

Seren. . Gr. . Mest. .	Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio
Venerab. . Dep. . Gr. . Mest. .	Dr. Daniel Corrêa Trindade
Venerab. . 1° Gr. . Vig. .	Jacy Garnier de Bacelar
Venerab. . 2° Gr. . Vig. .	Te. Benedito Neves Ferreira
Ven. . Gr. . Orad. .	Dr. Aluisio Sayol de Sá Peixoto
Ven. . Gr. . Sec. .-Chanc. .	José Rodrigues
Ven. . Gr. . Tes. .	Luiz Pinto de Carvalho
Ven. . Gr. . Hosp. .	Francisco B. Uchôa Cavalcante
Ven. . Gr. . Mest. . CCer. .	Dr. Raimundo Alves Ribeiro
Ven. . Gr. . 1° Diac. .	Dionisio Coutinho
Ven. . Gr. . 2° Diac. .	Maj. Waterloo da Silveira Landim
Ven. . Gr. . Guard. . L. .L. .	Dr. Antonio Emilio Romano
Ven. . Gr. . Port. . Est. .	Dr. Antonio Ferreira Lima
Ven. . Gr. . Porta Esp. .	Luiz Fraga Guimarães
Ven. . Gr. . Arq. .	Mario Guimarães Araujo
Ven. . Gr. . Cob. . Int. .	Quintiliano J. da Gama Neto
Ven. . Gr. . Cob. . Ext. .	Jefferson Fuch Vieira

COMISSÕES PERMANENTES

Comis. . de Finanças

Antonio Lelis
Quintiliano J. Gama Neto
Dr. Mario Gonçalves Ramos

Comis. . Leg. . e Just. .

Dr. Teofilo Doosbereiner
Dr. Antonio Emilio Romano
Bernardino Ferreira Prista

Comis. . Rel. . Exteriores

Maj. Hely Franco Belmino
Erick Karlo August Materne
Dr. Raimundo Alves Ribeiro

José Rodrigues
Gr. . Sec. .

Loja “ROMÃ”

ADMINISTRAÇÃO DE 1948 — 1949

Ven.:	Antonio Zabulon Filho (Reeleito)
1.º Vig.:	Dr. Nestocles Ruswel
2.º Vig.:	Dr. Ulisses Uchôa Bitencourt
Orad.:	Dr. Walmike Ramayana de Souza
Tes.:	Francisco Ribeiro da Costa Filho
M. de CCer.:	Luiz de Almeida Cardoso
Chanc.:	Francisco B. U. Cavalcante
Hosp.:	Dr. José Heller
1.º Dia.:	Dr. Welson do Vale Fernandes
2.º Dia.:	Orlando Amóra Gadêlha
3.º Dia.:	Dr. Waldemiro Carneiro Leão
P. Est.:	Dr. Alberto Moacyr Benaion
P. Esp.:	Fernando Gorin
Arq.:	Frederico B. U. Cavalcante
M. de Bang.:	Nahum Klein
Col. de Harm.:	Fernando do Vale Fernandes
G. dp Temp.:	Luciano Pimenta Gnone
Cob.:	Dr. Atila Sayol de Sá Peixoto

Com. Central

Dr. Alvaro Figueiredo
 Dr. Daniel Corrêa Trindade
 José Rodrigues

Com. Doutrinaria

Dr. Alnesio Sayol Sá Peixoto
 Dr. Walfan Bacelar de Melo
 Major Hely Franco Belmino

Com. de Sol.

Salvador de Araujo Fazeres
 Dr. Attila de Melo Cheriff
 Manoel Esteves Coutinho

Com. de Finanças

Domingos Antonio Labanca
 Dr. Robert Boiser
 Dr. Welson do Vale Fernandes

SESSÃO FUNEBRE

A Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: "ROMÃ", da obediência da Sereniss.: Gr.: Loj.: do Rio de Janeiro, com a realização de uma Sessão Funebre, no dia 25 de Abril passado, prestou justa homenagem ao M.: Il.: Ir.: Dr. Antonio Gonçalves de Sá Peixoto, chamado ao Gr.: Or.: Et.:

Damos a seguir a brilhante peça de arquitetura proferida pelo notavel orador Ramayana de Chevalier, do Quad.: da-
quela Of.:

Veneravel Mestre
Respeitaveis Luzes
Meus Irmãos
Senhoras e Senhores Visitantes:

A voz que se eleva diante de um corpo inerte, deve ser mais viva e mais colorida do que as outras, porque traz no seu bôjo o reflexo dos sentimentos que se amortalharam, da cultura que emudeceu, do espirito que alçou vôo aos nobres recantos do Empireo, da tragédia animada e fulgurante, ou obscura, pelos caminhos do Mundo.

A Ordem Maçonica, pelo instrumento fecundo desta officina presta uma homenagem póstuma a quem, por toda a existência, disseminou exemplos de coragem e de perseverança, distribuiu dádivas de generosidade e de carater, iluminou os desvãos da ciência juridica com o prejetor potentissimo do seu saber, campeão do Direito e pelejador da Justiça que êle o era.

Diante da figura inesquecivel de Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, desaparecido ha pouco da materia sensivel, a Maçonaria Brasileira cumpre um dever impostergavel, traduzindo para os tempos eternos, a melancolia desta despedida e a fixação de um momento fraternal que nos conforta e exalta.

O mistério da Morte sempre nos cobriu de mêdo e de ansias indisfarçaveis. E esse mêdo não vem do fenomeno do trespasse em si mesmo, mas do mecanismo de transposição vibratoria, da perda substancial com a liberação do conteúdo sutil, que se exprime em crispações e em haustos, como o nascimento. Entestando um cadaver, o Homem volta-se para o Tempo e presente, na figura imóvel, na sombra tênue que se levanta, na pele macerada e oleosa, no gêsto derradeiro das mãos unidas em prece, hirta e geladas, a lição imortal que deprime a materia, despressa-a e confunde, para exaltar no seu remígio largo e divino, a alma experimentada nas forjas e nos desencantos da vida planetária.

Junto ao cadaver immaculado de Hortencius, cheio de dôr e

de saudade, Cicero compreendeu, pela primeira vez, o segredo de Pitágoras e a negligencia filosofica de Epicuro. E' sempre em face dos túmulos, que o Homem aprende a sentir a Vida, como se o silencio eterno falasse mais do que todas as eloquencias e o exemplo da última esperanza sacudisse, no intimo do escravo Zodiacal, a certeza do seu destino, o guiso tragico de um carnaval de névoas, triste e augural como todas as coisas Ignotas.

“O melhor é nunca ter nascido. Se, porem, tú vives, então o melhor é te apressares a voltar para o lugar de onde vieste !”. Assim falou Sófocles, no monumento artistico daquelle portentoso Côro dos Anciãos de Colonos.

Vale de Lágrimas, desfiladeiro avernôso onde se debatem as paixões do Mal e os aliseos suavissimos do Bem, aqui se forjam as estátuas eternas, aqui se fundem os metais do espirito, aqui se destramam os tecidos Karmicos e se restauram as almas fatigadas e tremulas, na sua viagem sideral...

E aqui defrontamos com os paradoxos irremoviveis, que fazem da materia densa, o templo espiritual, e do espirito inconsutil, a fôrça criadora e fecunda do nosso proprio destino. Olha-se, por exemplo, um monge, batido pelas amarguras do tempo, pelo desconforto e a miseria, farroupilha da caridade pura, e não se descobre nele a mais perfeita “imitação do Cristo”.

Quando falou, pela primeira vez, em Bolonha, em 1220, o Poverêlo de Assis, desta forma o viu o olhar piedôso de Tomásio de Spalato: — “Tinha o habito sujo, não se impunha pelo seu aspecto e seu rôsto não possuía graça. Mas Deus emprestava a suas palavras uma fôrça poderosa”.

Esse espirito eleito, na prisão desse corpo débil e silciado, tinha a voz meiga, conversava com os passaros do céu e os animais da sélva, era irmãos das aguas, dos troncos e das flôres e se chamava São Francisco de Assis.

Esse paradoxo, por vezes, desaparece diante do conflito da alma e do corpo, da realidade magestosa e desconcertante, do homem que se apresenta e, afirmando a sua presença é, ao mesmo tempo, gloria e exterminio, triunfo e decepção, bandeira solta ao sabôr da vitoria e estandarte tombado na refréga, pelo esplendor volutuoso da derrota, essa que entronisa duendes e amortalha deuses, a derrota dos fluidos e das vibrações sutis do espirito, pela vitoria das paixões, das tempestades intimas e dos recontros alucinados do orgulho e da fôrça esmagadora!

Em Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto residia o segredo desse paradoxo, o imenso segredo desse contraste que daria à su'alma, dardejante de luz, a fisionomia de um gigante que tivesse, nos olhos o brilho fatal do basilisco e nas mãos, cançadas das lutas em favor dos fracos e dos simples, braçadas de rosas sagradas, de cheiro místico e transfigurador. Analizar-lhe a vida é mergulhar nos temporais políticos, é misturar-se aos

gritos de revolta e de emoção das massas desapoderadas, é bebêr sabedoria no veio límpido da experiência, é aprender elegância nas fórmulas corretíssimas de Brumell, é atender à perfeição física nos meandros da ióga indiática que êle conhecia e praticava, sem alardes e sem ênfases, no silêncio do seu túrgio, que era uma catedral de patriotismo e de filosofia.

O JURISTA

A 27 de fevereiro de 1869, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro recebia mais um filho: — Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixôto.

Hipertenso de entusiasmo, alvoroçado pelos ditames democraticos de seu coração, onde o seu proprio sangue transitava escaldante, a tendencia juridica havia de lançar essa mentalidade selecionada no torvelinho das academias, onde se patenteou o poder fascinante do seu verbo, a grandêsa imortal do seu equilibrio critico, a pujança inamolgavel do seu carater, cujas linhas principais corriam do ocidente da energia para o Oriente da Lei, perpetuamente festivas e triunfais! Formado em Ciências Juridicas e Sociais pela Faculdade Livre de São Paulo, doutorou-se em borla e capêlo pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro, defendendo uma tése sobre a "Neutralidade"; cujos fundamentos até hoje alicerçam o direito internacional nesse terreno difficil e àspero. Fez da carreira academica o malhête de novas conquistas morais, ocupando cargos na Paulicéa e no Rio Grande, revolvendo os meios universitários, re florindo em seivas novas por onde pervagasse o seu critério filosofico e a sua vibração de artista da palavra e escultor da intelligencia.

Quando o Brasil alvorecia para a República, timbrado ainda dos remansos nostalgicos da côrte bonachã, Floriano, o Consolidador, nomeou-o Juiz Federal no Amazonas terra "barbara, extra-planetaria e inacessivel" no dizer dos homens do sul, tão distante, tão misteriosa, tão empolgante lhes parece.

Como juiz niguem melhor que ele teve consciencia, do quanto valem as reações ingenuas e profundas das mais baixas camadas sociais; ninguem que, como ele, sentisse o dealbar de uma nova éra histórica, entre os cargos daninhos e as héras sorrateiras das novas idéias em marcha pelos séculos; ninguem que puzesse o ouvido a escutar, como êle, o clamôr dos abismos, a ronda dos revoltados, o fragor de protestos das injustiças, o bravo recontrô dos sentimentos que sóbem, irresistiveis, do "porão das almas"! Subindo na magistratura, depois de nomeado desembargador, nunca mais deixou de presidir ao Colendo Tribunal do Amazonas, êle que nascêra para os portallôs de comando, êle que viêra ao planêta para ordenar com justiça e punir com exatidão, êle que não manchára, com recalques

involuntarios, a sua tóga, que era um ponto final e a mortalha mais béla que o destino lhe oferecêra.

Mesmo depois de aposentado, ainda prosseguiu presidindo o Conselho Secional da Ordem dos Advogados e o Instituto dos Advogados do Amazonas, em cujos sodalícios teve oportunidade de desenvolver téses atualíssimas, firmando, como no seu posto de judicatura, jurisprudência em torno de questões litigiosas, inteiramente solvidas e estáveis depois do seu pronunciamento fecundo e sábio.

O PROFESSOR

Recordo Chiacchio, o Mestre da Crítica, tão desajeitadamente môrto na Bahia, como se houvesse satirisado ao proprio Destino à hora mesma de sua desencarnação. O pensamento do Artista estava sempre voltado para as taças socráticas, onde os toxicos, em vez de matarem, serviam de estimulantes para a jornada da Posteridade.

“O tempo, ritmo da unidade, é o responsavel pela duração da obra. Não o tempo-historia, mas o tempo-vida. Obra, sem esse fator, não se cristalisa no conceito evolutivo das gerações”.

Sá Peixoto não duraria, não ficaria, não cristalisaria o seu nome no intimo das juventudes que se sucedem, se não houvesse entrado, heraldico e sereno, no portico do magisterio. O jurisconsulto teria de ser, fatalmente, o professor. Assim, na filosofia, Aristoteles, Platão, Socrates.

Si o homem foi, nele, o criador de flamas, o professor esculpia na forma dos discípulos, a estatua eterna da admiração e do amor. Tendo occupado a Livre Docencia de Direito Internacional na Faculdade do Rio de Janeiro, fundou a Faculdade de Direito do Amazonas, guardando para si a cátedra de Direito Internacional Privado e se dispersando, sempre brilhante e altívolo, por várias outras disciplinas, entre as quais a de Medicina Legal, que desempenhou com rara proficiencia, pois que estudára a ciencia médica até à quinta série.

Repelindo os altos conhecimentos que sorvêra na Sorbonne, onde mergulhára nos segrêdos do idioma de Anatole, com sofreguidão e entusiasmo, ensinou mais tarde, no Liceu Amazonense e na Escola Normal, essa lingua privilegiada, onde a dôr se escôa mais delicada e o sofrimento geme com mais doçura...

O PARLAMENTAR

Eleito deputado federal, o mais jovem de todos, foi Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixôto um dos mais árdegos batalhadores do Parlamento. Manejando a palavra e a cultura, o pensamento e a sabedoria, arojou-se aos recontros tribunicios com

o ímpeto dos esgrimistas e a sobranceria dos cavalheiros. Lutou, porfiou e venceu, deixando nos anais da Câmara Alta e da Casa de Tiradentes, lições inolvidáveis de Direito, gestos esplendidos e campeão, rasgos de coragem, de renúncia e de altívés.

Senador e deputado, em plena mocidade, lembrou-se ele das populações perdidas na interlandia amazônica, lá onde os nervos se recusam a transmitir as emoções de solidão e de gigantismo geográfico, criando o projeto de lei que distendeu os cabos e linhas telegráficas ao interior dos Estados Amazônicos, e o que inaugurou um serviço regular na navegação da Amazonia, por si só capaz de perpetuar a memória desse lida-dor infatigável, junto aos seus irmãos de degrêdo planiciário!

Houve, entretanto, um momento em que a sua inteligência se debruçou sobre o balcão da glória! Mal repontavam, no rosto apolíneo de Sá Peixoto, os sinais positivos da adultês completa, e êle já era chamado a figurar entre os 21 juristas, que integravam essa Comissão Especial da Camara dos Deputados, para elaborar o Código Civil, sem duvida alguma um dos patrimonios orgulhecedores da nossa cultura perante o Mundo Civilizado.

Combateu pela retidão dos compromissos, pelo divorcio a vínculo na liberdade dos sentimentos altaneiros, pela sorte dos filhos espúrios, cujo direito êle, áquele tempo, já considerava perfeitamente identico aos dos outros, considerando o mestre do Direito, tão dignos uns quanto outros, cristãos todos, criaturas do Supremo Arquitecto sem discrepancia, tal qual se afirma hoje, no reconhecimento de todos os rebentos, pela justiça, pela equidade, pela razão, pelo amor, pela belêsa divina da Lei!

Ombreou-se com os maiores civilistas do seu tempo e a todos empolgou com o brilho do seu talento, a profundidade de sua cultura, o polimaticismo de sua bondade filosofica, de sua coragem helenica, do seu espirito tão radicadamente amazonico.

O LITERATO

Falando, doutrinando ou escrevendo, já na fase pastoral da adolescencia, já nas altas temperaturas da maturidade vitoriosa e fulgurante, o estilo de Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto revelou, no intelectual esfervilhante e indomito, o literato precioso, o artista da elegancia verbal, o dominador do vernáculo, cujas fontes pródigas haviam descido da Lutécia formosa, da Gália rutilante, berço dos mais prodigiosos estrategistas da estética literaria. Professor de francês, com largo trato direto com a gente de França, a sua presença na Sorbonne deu ao Brasil um requintado intérprete da Vendêa e a êle proprio, a arte de definir, de cristalizar conceitos, de porcelanizar idéias perfeitas, de traduzir, com o mestrado do ourives o sentimento de todos os povos através do pensamento escrito.

Mesmo na judicatura, mesmo na tribuna parlamentar, mesmo na alta esfera da magistratura ou do parlamentarismo, mesmo na cátedra secundaria ou superior, ou no jornalismo que êle plasmou com a independência dos bravos e o idealismo dos puros, foi êle sempre o literato, fino e sobrio, ático na expressão e modelar na atitude mental

Eleito para a Academia Amazonense de Letras, coube a êle ocupar a cadeira de Eduardo Prado, numa similitude de temperamentos, numa consanguinidade de vocações que terminaram por confundir patrono e recipiendario, ambos vibráteis, ambos indomáveis, ambos altiloquentes na sociologia como no conteúdo artistico de suas obras.

O literato Sá Peixoto perfumou, de modo extranhamente místico, a personalidade do magistrado Sá Peixôto, e, com profundidade maior, a do político Sá Peixoto. Si as nuvens distantes, doiram-se mais profusamente com a agonia do sól, a literatura, que é a estratosfera do sentimento humano em função da vida, revela, pelo ruibôr e pela flama das imagens, a que altura se encontra o cérebro que a produz. Em Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixôto, a literatura foi refugio de benção. Corôou-o de mirtos e foi o sangue que escorreu dos sacrificios, corôa de espinhos de sua vida pública...

O MAGO DA POLITICA

Para traçar, no recorte de um simbolo, a vida política desse floresteador partidario, é preciso colar o ouvido às palpitações da Historia e sentir, nas angustias e volteios dos condutores de massas, a vocação dos condôres e a vertigem das alturas, o destino das aguias e o fatalismo dos desfiladeiros. Quando Sá Peixôto chegou ao Amazonas, já trazia nos olhos azues o incendio do triunfo, já sentira nos hombros o pêso da cruz dos missionarios, já sopesára a clava do jornal e zurzira o dorso indifferente dos coveiros de reputações e de dignidades. A sua passagem pela política foi o transcurso desambientado de um leão, num picadeiro de suburbio.

Não era possível, á provincia, compreender de um surto, o tamanho daquela audacia, a estatura daquele lidador, as apóstrofes dos seus labios e a candência de sua sinceridade à seculo XIX.

Sendo um gigante da cultura enciclopédica, um lumaréu da intelligência, Sá Peixôto foi, na politica, um "frondeus" voluntuoso, um mago de transfigurações, empolgando o publico com as suas tiradas medievais, atemorizando os tibios com as suas arrancadas leoninas, enchendo a imprensa de "manchettes" espectaculares, arrazando trincheiras adversas, pulverizando legiões contrarias, fazendo tremer os débeis, desencorajando os mais arrojados, espantando os covardes, varrendo os transfugas, ad-

mirando os inimigos poderosos e elevando, aos pincaros de um dramalhão de demiurgos, o cenário paupérrimo em que se agitaram, com êle, as consciências e os cérebros perdidos na Amazonia...

Enfrentava os adversários com a altivês de um espadachim. E, passadas as refréguas, os seus proprios contendores terminavam por estender-lhe as mãos certos de sua grandêsa espiritual e do brilho, sempre lúcido, de suas atitudes. Era um vulcão que, ao revés de lavas e de escórias, deixásse o humus da amizade para ajardinar, pela saudade e o reconhecimento, a amizade dos que lutaram contra êle.

Revolucionário por temperamento, a rebelião lhe era familiar, sob o feitio da justiça, como para Spartaco o levante dos campestinos calabreses e pontinos, como para Bolivar a sublevação dos oprimidos na substancia imortal da Liberdade.

Certa vez, andava a policia à procura do agitador. Admirado e respeitado, o seu renome exigio a escôlha da mais arguta autoridade policial nessa diligência considerada difficil e arriscada. Sá Peixôto estava em casa, de pijama, lendo o "De Natura Rerum", no original, tão familiar lhe era o latim, como o francês e como a lingua natal. O delegado bate à porta e, êle mesmo o atende. Sem temôr, sem hesitação, num gesto largo de quem recebe um hospede, Sá Peixôto convida-o para o gabinete de estudos. A autoridade, serena mas energica, dá-lhe voz de prisão. Não era possivel mantê-lo sôlto, evitando reações partidarias incuráveis. Sá Peixôto escuta a ordem e começa a palestrar, despreocupado. Narra-lhe um dos trêchos mais sugestivos de Lucrecio, oferece-lhe café, charutos, licôres. O policial aceita, comovido mas atento. E, enfiando a conversa pelas tramas politicas, Sá Peixôto principia a contar ao delegado, de como um seu grande amigo, certa feita, no Rio de Janeiro, conseguira escapar-se das garras de um investigador. Estava esse amigo tambem em casa, tambem em pijama, como êle. Recebêra idêntica visita. E, a certo momento dissera ao homem da lei que iria fugir, caso conseguisse fechar o comutador da luz. Sá Peixôto, a medida que contava o fato, reproduzia os gestos do amigo carioca. Ao pronunciar a ultima frase, estava ele junto ao botão elettrico da sala. Bastou um movimento de rotação e esta mergulhou nas trévas. Dois minutos depois, quando o proprio delegado correu para o comutador e iluminou o gabinete, o dr. Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixôto havia desaparecido...

Ninguem o pegou mais. Durante dois dias, cercado o bairro inteiro pelos policiais, foi impossivel saber-se dele. O chão se abriera para engolir o mago das transfigurações politicas. Abandonaram as pesquisas.

O homem havia fugido para o Pará, para a selva, quem sabe? Um seu visinho, que ha dois dias vinha sentindo uma di-

ferença no escoamento dagua do banheiro, resolveu examina-lo e deparou, dentro do tanque, de pijama, o grande revolucionario, o criador dos mais trepidantes casos da politica amazonense.

Saltando muros sob tiroteios mortiferos, engendrando bombardeios de pavor, cem vezes perseguido e cem vezes a surgir com a mesma férula e a mesma coragem, Sá Peixôto vitalizou de tal maneira o ambiente partidario da Amazonia, que já não é mais possivel deixar de lembra-lo, onde esteja um historografo, onde pense um escritor, onde fale um parlamentar, onde dardeje um epigramista, onde pontifique um sabio ou onde doutrine um santo.

Vereador e Prefeito da Capital, Senador e deputado às Câmaras Federais, Vice-Governador e Governador em exercicio do Amazonas, a sua figura sobrepáira às dos seus contemporaneos, como um alcião, de azas abertas para o sol, dominando a planicie a golpes de talento, de audacia e de civismo.

O PEDREIRO LIVRE

Si o Jurista encheu de nobres campanhas o recinto onde pontificava, quer como o advogado que nunca aceitou causas contra órfãos e viuvias, quer como o juiz impoluto e o desembargador emérito de parecêres inimitaveis; si o parlamentar, que foi o ultimo sobrevivente da celebre Comissão Parlamentar dos 21 maiores juristas nacionais do seu tempo, defendeu o divorcio e a equidade para com os filhos espúrios, com a nobrêsa de um cavalheiro e o idealismo de um sábio; si o professor foi magnifico nas suas preleções singulares, fecundando espiritos com a magestade de sua cultura superior; si o literato illustrou o sodalicio amazonico com os seus discursos de raro lavôr estilistico; si o politico revolveu a técnica partidaria com o arremêso de sua vocação libertaria, para nós, neste momento, prevalece, excelsa e luminosa, a memoria do Maçon fidedigno, cujo exemplo recebemos na unção dos que desejam cada vez mais alta, mais forte, mais pura e mais respeitavel a Maçonaria.

Em todos os transe da vida afanosa e fagulhante de Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, um sentimento unico os ligava, indissolovelmente, numa cadeia de união, capaz de araze-lo, vivo como uma labarêda, defronte de nós, para a glorificação sincera desta homenagem fúnebre: — a Bondade.

Nunca lhe fugio das mãos o instrumento que marca a esquadria de atitudes, a despeito do fraco entendimento dos que nunca passearam os seus pés pelo país da Harmonia Interior. Nunca negou a mão ao derrotado, nem desviou o olhar da margem do caminho, sombrio e álgido, de onde vinha o gemido dos que sofrem. Distribuiu de si mesmo como um perdulario e, tendo sido tudo, tendo ocupado todos os cargos, tendo tido aos seus

pés todas as honrarias, e ao alcance as mãos todas as riquezas, viveu pobre, morreu pobre, sentindo da vida a saudade inacabavel de não ter podido dar mais de si para aplacar o sofrimento humano!

Num país em que as posições se aquilatam pelo provento que oferecem, Sá Peixoto viveu como as aves do azul que procuram um ninho, como os homens de bem que desejam um lugar ao sol para morrer em paz. A sua consciencia maçônica norteou-lhe os passos, do principio ao fim de sua carreira. Substituindo o eminente general Lauro Sodré no Grão Mestrado do Grande Oriente, foi êle Grande Benemerito da Maçonaria Brasileira, a quem deu, pela sequência dos seus atos de prodigalidade iniciativa, o fervor de uma dedicação indelével.

Cumpriu com o dever da solidariedade, garantidora da paz universal, ao jeito do que afirma esse outro grande espirito, luminoso benemerito do Grande Oriente do Amazonas e Acre e demais territorios limitrofes, professor Agnelo Bittencourt: — “O joio da tirania é um intruso nos trigais do espirito”: “A liberdade de cada um deve ser, assim, uma profunda convicção do espirito e poderá agir e manifestar-se enquanto não prejudicar a liberdade dos outros, nem comprometer a harmonia do conjunto”. “Não ha, pois, dois pesos e duas medidas para a liberdade”.

Dentro desse quadrilongo filosofico, agiu e viveu Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto. E, ao lado de pedreiros livres que são astros da dignidade e da solidariedade maçônicas como Waldemar Pedrosa e Venancio Igrejas Lopes, deletreou êle o breviario da bondade e do fervor maçônico, catecismo das consciencias solares, almo missal dos que viram a luz e a bemdisseram, trazendo a letra magica na palma das mãos, a estrela flâmifera nos labios e a acácia sagrada no coração.

Ele foi o Maçon. E e a sua presença entre nós está contida na propria essencia da Sublime Ordem que abraçamos.

Êle já respondeu à Suprema Chamada. Está agora diante do Poderoso Grão Mestre do Oriente Eterno. A nossa homenagem aos seus espólios, é a reverencia diante do seu Espirito, tão presente entre nós como o Ritual que professamos.

No brinde amavel que iremos praticar, seja-me concedida a honra de elevar a taça do meu coração, em nome dos Irmãos desta Augusta Oficina e de todas as Lojas desta Obediência, segundo o preceito da antiguidade morta.

Não quero oferecer o primeiro brinde ao Sol, “rei do Universo” a quem devemos a fecundidade da naturêsa retratado no simbolo do Governo Civil.

Nem à Lua “astro que esclarecia os mistérios mais secretos”, personificada na figura do Supremo Poder da Ordem, máximo regulador dos nossos destinos. Nem a Marte, “divindade

que presidia aos conselhos e aos combates”, traduzia na egregia figura do nosso Veneravel. Nem a Mercurio, o Anubis lendario, o Deus que vigia, que anuncia a abertura e a cessação dos trabalhos e cujo Poder se estende ao Céu, à Terra e aos Infernos, figurada hoje nas luzes dos Vigilantes que, como Anubis, anunciam a abertura e o encerramento dos trabalhos e como Mercurio vigiam os Irmãos no Templo e fóra dêle.

Nem a Jupiter, que “sob o nome de Xenios, era adorado como Deus da Hospitalidade”, na alegria e na graça pela presença dos nossos illustres visitantes, que são bemqueridos hospedes maçonicos.

Nem a Venus, Deusa da Geração, simbolisada hoje na pesôa dos Officiais e membros dedicados da Loja, especialmente aos novos Iniciados, cujo primeiro labor é o estudo consciente da Naturêsa.

Quero que este brinde, elevado ao Grande Arquitecto do Universo, seja feito, como nos tempos primévos, a Saturno, Deus dos periodos e dos Tempos, cuja orbita imensa parece abraçar a totalidade do Universo, simbolisada na fraternidade de todos os Maçons do Mundo, estejam no Sul ou no Norte, no Ocidente ou no Oriente, debaixo da terra ou no espaço sub-lunar, conjugados pela mesma fé, tomados do mesmo devotamento, abençoando a memoria deste Irmão que se foi antes de nós, para esperar-nos, que subio ao Empireo para ajudar-nos, que está mais vivo e mais límpido através da saudade que nos legou.

E que a sua Vida labutosa e honesta, digna e alta seja a nossa Vida. E que a sua energia, reluzente e firme, seja a nossa Energia. Para a gloria de nossa Ordem e a Felicidade dos Homens, esse fruto doce que só as mãos limpas de odio podem colhêr, que só os olfatos inocentes podem aspirar, que só os corações piedosos e honrados podem sentir...

(Discurso do M. M. Ramayana de Chevalier, durante a sessão funebre em memoria de Antônio Gonçalves de Sá Peixoto).

Domingo, 25 de Abril de 1948.

CONCEPÇÃO FILOSOFICA DA MAÇONARIA

I

O Maçon é um cosmopolita; seu país de nascimento é o mundo; entre o círculo do seu compasso se encerra tudo quanto concerne ao gênero humano.

— *Alberto Makey.*

A Maçonaria é uma sociedade, tendo caracteres comuns das outras, mas, que possui diferenças específicas, qualidades inauferíveis e atributos próprios.

Surgiu, no mundo da fenomenalidade, como resultante de necessidades sociais de sentido reconhecido pela experiência dos séculos.

Só ela, síntese das causas que a produziram e dos fatores gerados pela posteridade no transcurso dos acontecimentos, participa da natureza das coisas, para, sob a direção de princípios universais e de suas sábias normas de moral pura, justiça reta e direito humanizado, estabelecer no mundo o domínio de homem livre, justo e bom.

Atitude de vida, categoria diante da existência, tem uma concepção filosófica do universo, integrada dos meios adequados à consecução dos fins visados.

Entram nessa compreensão global a natureza, o gênero humano e a sociedade, sob os diferentes aspectos de suas manifestações.

Ha o Ser-Uno, Creador Increador, Causa Suprema e Espiritual, Inteligência Imanente, sem qualidades autropomórficas.

Em consequência lógica, vem a admissão da imortalidade d'alma.

São dogmas, enquanto a pesquisa científica, pelo método positivo com amparo na livre análise, não demonstrar a sua irrealidade.

A ideia da Augusta Inteligência faz crer que todo bem parte de cima.



D'aí a razão de o 3º grau simbólico do Escocismo ser, o plano astral, o emblema da sabedoria e da imortalidade.

O homem, sobredoiando em dignidade, representa a expressão máxima do Infinito Poder.

A Maçonaria tem por precípua finalidade o bem estar material e espiritual do gênero humano, e, para isso, como meios, se serve da fraternidade, liberdade, igualdade, beneficência, tolerância e solidariedade, que pela prática constante se transformam em condições de vida entre os semelhantes.

Filiam-se no mesmo sentido os combates ao vício pelo exercício da virtude, que enobrece; ao fanatismo pela instrução, que ilumina e a educação, que fortalece; ao egoísmo pelo altruísmo, que espiritualiza, finalmente ao erro pela cultura da ciência que objetiva a verdade e forma ambiência ao curso da civilização, que favorece o presente e se projeta no futuro.

Sem Marte e equipamento de maquinaria guerreira, os obreiros da paz vencem nas suas jornadas patrióticas e humanitárias, por persuasão de palavras, expressas de cordura e serenidade de atitude, confiados em Deus e fortalecidos na beleza da moral, na exatidão das leis e na equidade de suas aplicações.

Não se chocam, pelo contrário, se harmonizam admiravelmente no sentido de um perfeito cumprimento, os deveres que eles têm, na ordem decrescente, para com Deus, a humanidade, a pátria, a sociedade, a família, o próximo e si mesmos.

Evitando lutas, extinguindo ódios, criando em trabalho incessante um clima de tranquilidade para os homens e entre os povos, a Maçonaria proporciona e intensifica o progresso das nacionalidades.

Independente de qualquer doutrina particular, indagando a verdade e buscando uma vida melhor, consubstancia por transformação incessante de elementos superiores, uma forma elevada de existência, que mantem o equilíbrio social.

Sem oposições ou identificações a governos, religiões, filosofias e partidos politicos, fora de preconceitos de raça, classes e situações monetárias, unifica em planejamento científico um corpo proprio de ideias, que produz trabalhos sociais de avantajadas consequências para a reconstrução moral da humanidade.

“Razão tem Labay ao expressar-se:

“A sua ação é comparavel a do prisma, que recebe a luz de todos os lados e a restitue transformado, numa direção precisa. A Maçonaria, depois de ter refratado a sociedade inteira restitue-lhe novas individualidades que se vão sucedendo para uma finalidade consciente”.

MATEUS COUTINHO

Ex-Gr. . Pat. . Mat. . da Gr. . Loj. . do Ceará

UM ATAQUE

1 — Acabo de ler um livro que por ahí anda gratuita e fartamente distribuido, por quem não se sabe porque não se diz, cujo autor é, segundo se lê, o cardeal Caro, do Chile.

Impresso pela Editorial Sinopsis, de Montevidéo, Buenos Aires e Santiago em 1947, tem o livro o titulo de "EL MISTERIO DE LA MASONARIA".

Esse é um detalhe a ser notado, pois indica tratar-se de uma propaganda ante-maçônica, com origem fora de nossa patria e que, até aqui, lança seus tentaculos, procurando envolver toda a America do Sul.

Por sinal, vem o tal livro de cambulhada com um do general Luddendorff contra os judeus e a Maçonaria, dos tempos em que o velho cabo de guerra alemão procurava cooperar com sua espôsa para o dominio da raça ariana, cimentando sua unidade espiritual na exaltação da paixão guerreira pela ressurreição dos velhos deuses germânicos.

Podemos, pois, concluir não ser católico o bureau de propaganda, por inaceitavel a hipotese de querer o clero retomar sua tarefa medieval de enviar ás fogueiras os compatriotas de Jesus.

Inaceitavel porque a maior razão da queima da Idade Media, era o confisco dos bens dos condenados, que suas magestades fidelissimas e sua santidade o Papa, repartiam amigavel e contritamente.

Assim, o pobre do cardeal inocentemente vem servindo á tarefa de descristianizar o ocidente, embora não seja essa sua intenção, e assim, mais merecedor de compaixão do que odio, ele é, por sua cegueira e fanatismo.

2 — Será mesmo cardeal da Igreja Catolica o cardeal Caro?

Temos como certo que os cardeais são homens inteligentes, cultos e habeis, sobretudo habeis politicos, porque só assim conseguem eles sucesso na intrighada de que resulta sua ascensão á esse alto posto.

O livro em apreço desmente esse conceito, a menos que não tivesse sido escrito para fim diferente do que lhe deram, servindo a interesses politicos anti-democraticos e anti-cristãos.

De certo o livresco foi editado para ser lido pelos ignorantes párcos do rebanho de sua eminencia e por algumas ovelhas mais ingenuas.

Creio que no Chile as coisas, nesse particular, não são muito diferentes das nossas.

O livro é mesmo do cardeal e ele é mesmo inteligente, culto e habil, mas tambem cínico e perverso.

Cínico quando mente deliberadamente em todo o livro, perverso quando procura levar o odio e a desarmonia aos lares e á sociedade, aconselhando ás filhas, esposas e noivas a impedirem que pais, maridos e noivos sejam maçons e aos governos a perseguirem os maçons como inimigos do Estado.

3 — Não temos pretensão de criticar o livro, primeiro porque não temos elementos para avaliar a verdadeira intenção do cardeal, segundo porque se os tivéssemos não teríamos tempo para um estudo que em face das verdades historicas, destruiriam todo o livro; terceiro porque achamos que o livrinho do cardeal é muito banal em suas acusações.

Vejamos porem alguns pontos.

Para mostrar que a Maçonaria é a destruidora dos Estados, esforça-se o cardeal em provar sua participação nos movimentos dos seculos XVIII e XIX, e diz ter chegado a essa prova por deles terem participado alguns maçons.

Isto é uma asneira porque assim poderíamos concluir que foi Roma que fomentou e alimentou a revolta dos bandoleiros de Canudos, pois lá haviam muitos catolicos.

Poderíamos provar tambem que os tais movimentos eram provocados pelo Papa, — os tais movimentos dos seculos XVIII e XIX, — por que deles participaram muitos católicos, padres, bispos e cardeais.

A afirmação do cardeal não é de todo inverídica, mas a participação da Maçonaria nesses movimentos de libertação humana, tem que ser compreendida de outra maneira que não a por ele atribuída.

O que ele disse é tão verdade como se dissesse que as obras de Descartes, de Bacon, de Rousseau á Reforma fizeram a revolução Francêsa, obras como as de Galileu e de Newton.

Esses grandes esforços trouxeram da poeira dos arquivos para a luz da discussão, a Ciencia que dormia desde a invasão dos barbaros nos porões dos conventos.

Claro que Roma não gostou das alterações havidas, mas cumpre tambem pedir a opinião das colonias libertadas.

O Cardeal de certo gostaria de continuar sujeito ás Cortes de Madrid, como subdito de S. Majestade. Qual é opinião dos chilenos?

Afirma o cardeal que a Maçonaria é culpada do comunismo, porque prega a igualdade, Ora, eminencia, a igualdade dos homens é postulado cristão, a menos que não se tenha alterado o principio de que todos são proximos uns dos outros e filhos do mesmo Deus.

Essa a igualdade que pregamos para todos os homens: igualdade perante Deus e perante a Lei.

Igualdade porem não quer dizer nivelamento, pois ha categorias que se estabelecem pela diferenciação moral e inte-

lectual que o proprio cardeal encontrou quando estudou nossa organização, quando meditou sobre nossas leis, quando em nós achou o imperio da tradição.

O cardeal traiu porem um segredo, isto é, que para Roma, um cardeal e um rei são filhos de Deus, mas um indio ou um negro não o são e que só a Maçonaria e a Ciencia conseguiram, com aqueles movimentos que ele malsina, impor-lhe essa verdade que ela finge aceitar porque não póde fazer o mundo voltar ao tempo em que eles eram béstas, podendo ser escravizados.

Não quero que se pense que cunfundo a Igreja de Cristo com esses infelizes que se chamam cardeais Caro. Esses desgraçados existem a sombra de qualquer instituição nobre, confundindo Deus e a Humanidade com as ambições mesquinhas de sua alma de aranha.

Culpa-nos o cardeal querendo em baixa intriga indispor contra a Maçonaria os governos.

Ha porém outro aspecto.

Os acontecimentos dos ultimos tempos provam que Roma está mais próxima de Moscou do que nós.

Qual a Loja maçonica, de qualquer Rito, que já se curvou a Stalim e com ele fez concordata? Com ele, com Hitler ou com Mussolini, com Franco ou com Salazar?

No fim, lá no fundo, não da filosofia cristã, que é só luz e simplicidade, mas da insondavel conciencia dos clericais, ha tambem a ambição de destruir o homem para o imperio de um só poder impessoal, intangivel e infalivel sobre o universo.

Contra todas essas ambições levanta-se a consciencia livre dos homens e seu mais forte baluarte é a Maçonaria e seus melhores guardas os paises em que ela é mais forte.

Outras muitas acusações faz o cardeal Caro á Maçonaria, mas ficam para outra ocasião.

Cumpra porém vigiar eternamente esses senhores clericais, que talvez sonhem ainda restaurar sob o céu das Americanas, o sonho de um grande império teocrático, outrora desfeito pela coragem dos brasileiros.

MORORÓ

SOLIDARIEDADE MAÇÔNICA

MORRER . . . DORMIR . . . SONHAR . . . QUEM SABE?

SHAKESPEARE

A solidariedade maçônica baseia-se no principio da Fraternidade universal. O bom Samaritano, eis o simbolo do ideal maçônico, isto é, da solidariedade humana. A Maçonaria seria uma fortaleza gótica inexpugnável, caso se cultivasse nela praticamente a verdadeira solidariedade, que não deve ser apenas de palavras.

Solidariedade significa Fraternidade em ação. Entre os animais inferiores da Criação, observa-se o instinto gregorio. Se não leiamos a "Vida das Abêlhas" de Metterlinck e o "Passaro" de Michelet.

Si nos sêres inferiores se observa o principio da solidariedade, imaginai no homem, esse microcosmo dentro da macrocosmo!

No sêr humano a solidariedade deve ser mais intensa, desde que o homem se acha colocado na ultima etapa da evolução zoológica.

A solidariedade é a flôr gloriosa que surgiu na primeira manhã da vida planetaria. No maçon éla tem refulgencia da nebulosa primitiva.

Mas é preciso, não somente pregar a solidariedade, mas sobretudo exercê-la, praticá-la como ensinam os nossos rituais. Pregar não basta.

Faz-se mister agir, dar o bom exemplo que edifica, enobrece e sublima.

Só assim se poderá realmente concorrer para a maior grandeza da nossa Sublime Instituição.

EUCLIDES CESAR

Ex-Veneravel da "Loja Deus e Fraternidade"

LIVROS MAÇÔNICOS

A redação de "ASTRÉA" informa a venda de uma magnifica biblioteca maçônica.

Aos candidatos será fornecida uma relação e respectivos preços de toda coleção.

A MARCHA VITORIOSA DA MAÇONARIA

A Maçonaria desde os seus primórdios, reconheceu a necessidade de selecionar pelos valores morais e intelectuais, os que desejassem dela participar, dizem os seus mais antigos documentos e regulamentos.

Infelizmente, a incompreensão de uns e a indiferença de outros, relegaram o rigor desses preceitos e a entrada tem sido facultada, ou melhor, facilitada a muitos que não estão á altura de compreendê-la e praticá-la.

As excessões, entretanto, não destróem a regra.

A Aug. e Resp Loj. Simb. "LUIS DE CAMÕES", da jurisdição da Sereniss. Gr. Loj. do Rio de Janeiro, vem de incluir no seu Quad., Humberto Costa Souza.

Publicamos a seguir, o discussão que o novo iniciado proferiu no dia da sua recepção.

Dispensa comentarios. As suas palavras revelam a formação do seu espirito.

Está de parabens a Loj. "LUIS DE CAMÕES".

Serenissimo Grão Mestre — Veneravel — Dignissimo Grande Secretario — Meus Irmãos!

Reservou-me Deus, na sua bondade infinita, a grata emoção desta hora, como um balsamo suavizador no crepúsculo obscuro da minha vida modesta e simples.

Eis-me, afinal, como coroamento de uma longa e paciente espera, entre aqueles que, desde minha juventude distante, aprendi a admirar e respeitar, no culto que sempre mantive aquilo que meu querido Pai queria e simpatizava, como ainda hoje estremece e defende, nossos Irmãos da Maçonaria!

Em companhia de meu progenitor, desde tenra idade, no meu longínquo e idolatrado torrão natal — o Ceará — assisti solenidades brancas da Loja que meu velho frequentava.

Essas recordações inesqueciveis guardo-as, desde então, no recesso mais íntimo do proprio coração, como lembrança que é um prolongado e permanente culto de veneração e simpatia.

Honra-me sobremaneira a comovedora acolhida no seio desta instituição, cujo ciclo evolutivo no panorama geral da Historia, marca, no campo espiritual, o aprimoramento de um sentido fraterno que, longe da pratica da solidariedade humana, é indigna de ser vivida; no campo moral, a imposição de uma mentalidade coletiva, cuja força aglutinante reside na

mais bela compreensão humana da soberba grandeza cristã do Trabalho; e, no campo político, a Maçonaria representou, no passado, a luta contra o absolutismo, rasgando, nas densas trevas vindas da Idade Media, as ensolaradas perspectivas de diferente concepção política, vasada no lançamento de uma equação social, cujos termos assentam no espirito liberal de uma nova idade.

Lêr-se a historia de nossa instituição secular é sentir, em todo o vigor, as lutas travadas contra o tremendo absolutismo de nações que, sob o tratado da Santa Aliança, impediam o progresso mundial e ameaçavam, pelas armas, quantos tentassem investir contra as melancolicas ameias do Vaticano.

Era, já àquele tempo, o combate frontal ao reacionarismo, decidindo-se o povo, em aparente estado de inferioridade, a romper os vinculos que o unia a Roma, centro da onda reacionária que infelicitava a França, a Espanha, Austria, Polonia e Portugal, na invocação internacional de um compromisso politico.

Foi essa, na Historia — como bem o sabeis — a época de intensas modificações dinasticas e de profundas alterações no cenario europeu.

E qual, senhores, o segredo dessa força oculta, incoercivel, fatal?

Era o silencioso segredo de uma grande autoridade espiritual, como razão moral e, como razão pedagógica, em relação às massas; era uma força secreta, emboscada na preocupação de uma vitoria do bem sobre o mal que, em defesa de uma Humanidade desalertada e oprimida, se infiltrava pelos gabinetes dos potentados, para os ajudar a se desalgemarem de Roma, ao mesmo tempo em que, penetrando fundamente nas coletividades humanas, agia como alavanca progressista contra os governos e os monarcas.

A partida estava ganha: ao reacionarismo romano, qual a fórmula oposta pela Maçonaria, exuberante, ágil e vigorosa?

Muito pouco mesmo, meus irmãos: essa formula que destruiu tronos, desarticulou dinastias, impoz revoluções e decidiu da sorte de gabinetes, consistiu, apenas e tão somente, no verdadeiro, simples e eterno espirito de Cristo: na sua singeleza, na sua bondade, na sua pobreza e, sobretudo, na sua indestrutivel definição de solidariedade universal.

Solidariedade, sim, mas solidariedade humana, que o reacionarismo, tanto ontem como hoje, não sente e desconhece. Solidariedade na dôr e na lágrima, solidariedade na alegria e na desdita, solidariedade com os perseguidos, com os fracos contra os fortes e os poderosos; solidariedade, emfim, meus irmãos, como só a soube compreender o espirito suavissimo de

Jesús, tão aviltado pelos fariseus que corvêjam sôbre as etapas historicas.

As forças defensivas eram tamanhas, nêsse cõrpo-a-cõrpo dramatico, entre os falsos hermeneutas do Estado tiranico e os simples semeadores da Verdade social, que se atribúe à esbrazante ironía de Voltaire o conceito feliz e justo, flangrantisando a época: “Nêsse tempø, até Deus foi suspeito de ser um rival do Estado...”

E que poderia eu acrescentar, dirigindo-me à douta assembléia que me comove com esta audiência, à ação gigantesca de Pombal, em Portugal; de Aranda e Squillace na Espanha; de Tanucci, em Nápoles; de Choiseul e d’Arguillon, na França?

Que adiantaria à Humanidade a Bula de Clemente XII, condenando a Maçonaria e proibindo, rigorosamente, sob sanções tremendas, a inscrição na vitoriosa organização?

Desencadeara-se a tempestade. A avalanche resvalava das montanhas, para, primeiro, dominar e, em seguida, fertilizar as estéreis e sáfaras planicies humanas.

Roma vergava como um caniço, açoitado pela ventania, no teátro dos acontecimentos politicos da centúria.

Vencêra-se, assim, a onipotência brutal de báculos e tiáras....

As tintas alucinantes de uma madrugada de verdade social esbatiam as trevas caliginosas da prolongada noite do absolutismo.

Meus Irmãos!

No distante Brasil-Cólônia, não poderíamos recusar as benéficas influencias do novo espirito.

A vulgarisação dos Enciclopedistas e a formação cultural de uma pleiade de brasileiros que estudára na França, animados pelos ventos galernos do liberalismo, soprando em todos os quadrantes e latitudes da Europa, determinou a independencia dos Estados Unidos e a espetacular desintegração dos vice-reinados espanhóis no hemisferio occidental.

Ao espirito maçon dos primeiros anos do seculo XIX devemos, em Pernambuco, as epopéias grandiosas do Padre Roma e do Padre Miguelinho — espirito, meus Irmãos, que, no cinzento crepúsculo da centúria anterior, escrêvera, em imperecíveis caratêres, de fogo e de sangue, a pagina vibrante dos Inconfidentes das Minas Gerais!

Por mais apaixonado que se queira ser, nunca se conseguirá negar a influencia decisiva da Maçonaria, na elaboração da Independencia.

Quando o reacionarismo clerical das Cõrtes de Lisbõa determinou o regresso do Principe Regente à Metropole, sacrificando-nós a posição politica de Reino-Unido, foi a ação sal-

vadora dos Mações que impeliu ao grande José Clemente Pereira, no historico episodio do "FICO", — rebelião filial que acendêra o estopim de nossa emancipação.

Injusto seria subestimar a atuação do Grande Oriente, na consolidação do Sete de Setembro. A despeito da iniciação do jovem e arrebatado Monarca, enormes foram as dificuldades opostas à Gonçalves Lêdo, José Clemente Pereira e Evaristo da Veiga pelos tremendos remanescentes do velho reacionarismo clerical lusitano, até então instalado entre nós de ponto em branco.

Qualquer estudioso da Historia concluirá, sem esforço, que o Brasil o que menos deve à Maçonaria é a sua propria independencia.

Mas, não ficámos aí. Lutámos pelas reivindicações nacionalista da regencia trina. Depois, pela antecipação da maioridade. Condenámos a politica imperialista, seguida pelo Brasil no Rio da Prata.

Sustentamos gabinete dignos, no trágico quinquênio da guerra do Paraguai. Lançamos o lábaro da abolição integral do elemento servil, contra prepotência reacionária da caricata aristocracia do café e da cana de açúcar.

Fomos, indiscutivelmente, o ante-mural à onda desmoralisadora das nossas forças armadas, anos antes cobertas de glorias nas campanhas do Sul.

Separámos a Igreja do Estado, com o advento do regime republicano.

Foi ainda o que denominariamos de *vis* maçonica o motivo da autoridade com que nos apresentámos na memoravel Conferência de Haya — essa mesma *vis* no construtivo sentido dos clássicos latinos, consubstanciada nas vitorias diplomaticas dos nossos litigios de fronteiras.

Lutámos pela laicidade do ensino. Participámos de duas guerras mundiais. Vivemos a angústia da era atômica.

Hoje, pois, mais que nunca, contra o avassalamento do fraco pelo forte, é que a Maçonaria deve manter, e manterá, suas linhas avançadas.

Porque, — não nos iludamos —, o direito é vida; é movimento; é luz; é etapa da marcha evolutiva da Humanidade.

Defrontamo-nos, no atual após-guerra, com duas concepções politico-filosóficas: — o progressismo e o reacionarismo.

O primeiro condensa todos os postulados humanos determinantes do nosso proprio motivo de viver. O segundo, desgraçadamente, é a razão aviltante que mantém e aumenta a brutal tensão nervosa do seculo, escravizando, economicamente, individuos e nações, no plano frio de materialissima satisfação

de egoísmo, ainda que ao preço sinistro da negação moral dos mais respeitáveis valores trabalhistas.

Há, em tudo quanto nos circunda, a fermentação cósmica de um vulcão, trabalhado pela sede de ouro, que, afetando o travejamento estrutural do século, poderá explodir, quando atingir o ponto máximo de saturação, em movimentos cujas dolorosas consequências escapam e fogem à previsão do mais sábio dos profetas, — venha ele mesmo da “City” ou da “Wall Street”.

Enquanto o mundo deseja respirar, desoprimido, as chamadas grandes potências cultivam, sádicamente, o estreito racismo totalitário, imposto à política na Palestina.

Mas, — tenhamos fé! — a democracia social-progressista, é hoje, e o será mais preponderantemente amanhã, à hora feliz em que alguns povos se desencantarem de falsas soluções messiânicas, o estuário onde fluem, e onde fluirão, com maior volume d'água, as imensas caudais reivindicadoras.

À América, argila quente, com o organismo novo, ainda em formação, nas mãos de seus modeladores, cumprirá, hoje como ontem, a alta missão reajustadora de impedir, a qualquer preço, que a ação fatal e dissolvente dos imperialismos entre a abalar o sentido exclusivo da harmonia continental, vasada em renúncias e tecida de abnegações.

Fóra daí, o continente resvalará, inevitavelmente, no vórtice e no turbilhão. É que os imperialismos negaram, e negam, ao Homem a expressão de valor, integrado à comunhão coletiva, humilhando-o com subordinações antagonicas ao elevado sentido evolutivo e espiritual da Humanidade.

E a Maçonaria Brasileira, na qual ingresso agora, com entusiasmo e com fé, transbordante de simpatia humana, limpo de ódios e de malquerenças, compreende e sente pelo raciocínio de suas tradições de lutas, que a democracia é, ainda, como razão suprema de progresso e de socialização, o regime cheio de excelências, de máxima justiça e da máxima razão, não podendo, dess'arte, e com nossa cumplicidade criminosas, se alapardar às dobras blandicidas de seus sabotadores.

A grandeza da democracia repousa na sustentação política de que a liberdade é o bem supremo do individuo e de que a ordem social é imperativo irremovível e irrecusável, na organização da vida coletiva.

Dentro de tão moderna e viva concepção orgânica do socialismo, se enquadra e se ajusta a efetiva renovação de lutas, entre individuos e classes, na dilatação serena de suas dinâmicas atividades criadoras.

O honesto ideal político assegura a liberdade humana, nas lindes da ordem social, sem se tornar necessaria a degradação da obra civilizadora e do patriotismo universal, face aos

imperialismos dissolventes, que enlutam e desgraçam o mundo contemporâneo.

Aí, Irmãos, a minha definição: — transponho os humbrais desta Casa, honrado de vosso convívio, porque sinto em mim a vocação irrecusável para continuar a viver, em divórcio formal com a efêmera fortuna de bens materiais, o espiritua-lismo essencial desta organização universal, a serviço, em todos os climas humanos, da profunda concepção do progressismo — força irreprimível que fez transpor os séculos a singela palavra de beleza e de verdade, com que um humilde Carpinteiro da Galiléia seduziu para a eternidade os homens desencantados da pratica hostil e destrutiva do materialismo, asfixiante e estreito.

Sêja-me permitido, Irmãos meus, dizer-vos, como remate a esta sincera e firme profissão de fé, uma palavra de carinho e de simpatia, a um amigo dileto, da infancia e da juventude, que hoje, como nota mais enternecedora e mais emocionante para meu coração fraterno, comparece a esta solenidade, dignificando e exalçando sua extraordinaria magnificencia.

Reverencio na pessoa admiravel do nosso Sereníssimo Grão Mestre, todo o esplendor, toda a bondade, toda a grandeza, toda a altissima missão da Maçonaria Brasileira!

GRANDE ORIENTE UNIDO

Com a devida reserva, publicamos a Circular do Gr.: Or.: Unido que vem de ser fundado na Capital da Republica, por diversas lojas maçonicas que abandonaram o Gr.: Or.: do Brasil.

“A COMERCIO E ARTES”, a Loj.: que possui a maior tradição maçônica de nossa Patria, a Loj.: de Gonçalves Lêdo, José Bonifacio e Pedro I, de onde saiu a Independencia do Brasil, abandonou o Lavradio para não obedecer o “REGIME DE ILEGALIDADE DOMINANTE NO GR.: OR.: DO BRASIL”.

“A Comércio e Artes” teve a solidariedade de muitas oficinas, agora organizadoras do Gr.: Or.: Unido.

O novo acontecimento que divulgamos, não é daqueles que acabam nos distritos policiais ou nos tribunais do País, senão, mais uma conta no rosario dos desatinos do Sr. Joaquim Rodrigues Neves, á frente da Instituição.

Que os dirigentes da nova entidade encontrem o cami-

nho da Paz e União e dêem á Ordem mais decôro e respeito, são os nossos votos.

AS LLOJ.:. e MMAÇ.:.

LIBERDADE — IGUALDADE — FRATERNIDADE

Na conformidade do manifesto de 1º de março ultimo, constituiu-se o Gr.:. Or.:. Unido pelas LLoj.:. presentes á Convenção solene às, 20 horas do dia 13 do corrente, no Templ.:. da Ben.:. Aug.:. e Resp.:. Loj.:. Cap.:. “Cayrú”, a rua Ana Barbosa n. 16 (Meier) Distrito Federal, com a aprovação unanime da seguinte proposição:

Considerando que o regime de ilegalidade dominante no Gr.:. Or.:. do Brasil levou muitas LLoj.:. da obediência se desligarem do mesmo;

— Considerando não ser posivel às LLoj.:. dissidentes, realizarem, isoladas, a tarefa que se traçaram de zelar pelo patrimonio moral e filosófico da secular Instituição;

— Considerando que só mediante a comunhão de esforços de todas, para o mesmo fim, realizaremos trabalho fecundo;

Considerando, assim, ser dever precipuo das LLoj.:. libertadoras, unirem-se para a realização dos supremos ideais que as animam-libertar o Gr.:. Or.:. do Brasil da tirania que o degrada, as LLoj.:. presentes,

RESOLVEM

1.º — Fundar, como fundado têm, nesta data, 13 de março de 1948, E.:. V.:., o GRANDE ORIENTE UNIDO, constituído pelas LLoj.:. presentes a esta Convenção e pelas demais que a êle venham aderir.

2.º — Adota-se, no que fôr applicavel, a Constituição vigorante no Gr.:. Or.:. do Brasil, pelo Decreto n. 353, de 24 de fevereiro de 1907, (Lauro Sodré), até que as LLoj.:. integrantes da potência ora constituída, promulguem a Constituição própria, votada em Constituinte.

3.º — A administração do GR.:. OR.:. UNIDO será feita, até a promulgação do diploma constitucional supra citado, por uma junta governativa, composta dos RResp.:. IIR.:. VVen.:. das LLoj.:. do Or.:. do Distrito Federal.

4.º — O GR.:. OR.:. UNIDO terá por séde o edificio da Ben.:. Aug.:. e Resp.:. Loj.:. Cap.:. “Cayrú”, sito a rua Ana Barbosa n. 16 (Meier) Distrito Federal.”

Rio de Janeiro, 13 de março de 1948 E.:. V.:.

Capitão de Fragata Dr. Mário Ferreira França, 7.:., pela Loj.:. «Comércio e Artes»

Dr. François Lima de Aguiar, 18.:., pela Loj.:. «Henrique Valadares»

- Dr. Osmane Vieira de Resende 18.º, pela Loj.º. «Cayrú»
 Architriclino Ferreira Leitão, 30, pela Loj.º. «Nilo Peçanha», Or.º. de Colatina.
 Dr. J. B. Oliveira Bomfim 18.º. pela Loj.º. «Cataguazense», Or.º. de Cataguazes.
 Alfredo Nogueira da Costa 7.º., pela Loj.º. «Caridade e Firmeza», Or.º. de Juiz de Fóra.
 Ten. Abelardo A. Albuquerque 33.º., pela Loj.º. «Amôr ao Próximo», Or.º. de Paraíba do Sul.
 Joaquim Pinto de Magalhães 31.º., pela Loj.º. «Ciência e Virtude», Or.º. de Formiga.
 Asdrubal I. K. Burlamaqui 18.º., pela Loj.º. «Esperança II», Or.º. de Jacutinga.
 Antônio Lopes 18.º., pela Loj.º. «Asilo da Virtude», Or.º. de Goiandira.
 Ten. Osmar Dantas Luz 30.º., pela Loj.º. «Montezuna», Or.º. Ibiá.
 Luiz Uriel Tavares 30.º., pela Loj.º. «Liberdade e Luz», Or.º. de Guaçuí.

A JUNTA GOVERNATIVA

- Dr. J. B. Oliveira Bomfim 7.º. Ven.º. da Gr.º. Ben.º. Loj.º. Cap.º.
 «Comércio e Artes».
 Ten. Abelardo A. Albuquerque 33.º., Ven.º. da Ben.º. Loj.º. Cap.º.
 «Estrela do Rio»
 «Henrique Valadares»
 Domiciano Pedreira 18.º., Ven.º. da Gr.º. Ben.º. Loj.º. Cap.º.
 Dr. Osmane Vieira de Resende 18.º., Ven.º. da Ben.º. Cap.º.
 «Cayrú»

Dr. Hugo Martins Ferreira

A Maçonaria Brasileira vem de sofrer mais um golpe profundo com o desaparecimento do M.º. Il.º. Ir.º. Dr. Hugo Martins Ferreira, Gr.º. 33, do Sup.º. Cons.º. do Brasil.

Os que manusearem o Livro do Centenario e a Coleção do Boletim do Gr.º. Or.º. do Brasil, encontrarão Hugo Martins na linha de frente dos grandes movimentos que se desenrolaram no Lavradio, ao lado de Lauro Sodré, Nilo Peçanha, Mario Behring e tantos outros que doaram á Instituição, trabalho inteligente e fecundo, para os surtos de engrandecimento que logrou e que são paginas brilhantes de sua historia.

Hugo Martins ocupou todos os postos da hierarquia maçonica, alcançados pelos merecimentos da intelligencia, da liturgia de que era versado e pela dedicação de seu coração, sempre solícito ao conforto moral e material que praticava com discreta fidalguia, para somente ao beneficiado interessar o sigilo.

Quem quer que privasse da intimidade de Hugo Martins, seria atraído facilmente pela jovialidade de seu espirito e de seu temperamento, isentos do colapso da irritação ou dos rancores prolongados.

Ouvi-lo falar da familia e dos netinhos que foram os ultimos encantos da sua velhice, era motivo para exteriorizar a grandeza e a sensibilidade do seu afeto paternal.

Abandonou o Lavradio quando da cisão de 1927, sendo um dos fundadores da Grande Loja do Rio de Janeiro, a que prestou cooperação inestimavel e da qual afastou-se pouco tempo depois da morte do saudoso Chefe e Mestre Dr. Mario Behring.

“ASTRÉA” ao traçar tão breve relato para registrar o passamento do pranteado e precioso amigo, óra transportado à mansão dos justos, deita sobre o seu sepulcro, uma palma de eterna e viva saudade.

Requiescat in pace.

NOTICIARIO

America do Norte

O Relatorio (Proceedings) da Grand Lodge of the District of Columbia — 137ª Reunião Anual em 1947, registra o seguinte: pag. 335 — Parecer favoravel do Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Grand Lodge of South Dakota, em sua Reunião de 10 de Junho de 1947, recomendando o reconhecimento das Grandes Lojas: Bolivia, Ceará, El Potosi-Mexico e oportunamente a Grande Loja de São Paulo-Brasil.

Pag. 311 — Grand Lodge of Missouri em sua 125ª Reunião Anual de 24-9-1946 — Resolve reconhecer e manter relações fraternais com a Grande Loja do Rio de Janeiro.

O Oriente do Rio de Janeiro recebeu a visita dos prestimosos Ir.: João Tavares de Melo Cavalcante, Grande Inspetor Liturgico e Grão Mestre da Gr.: Loj.: do Estado da Paraíba e Cel. Julio Silva Tavares, Grão Mestre da Gr.: Loj.: do Ceará.

Com destino aos Estados Unidos, em avião da Pan-Americã Airways, viajou o Ir.: Cid Cabral de Melo, afim de tomar parte na Conferencia Internacional do Trabalho.

O Ir.: Cid Cabral é elemento de destaque no seio do Gr.: Or.: do Estado do Rio de Janeiro.

Loj.: “Mestre Higino Cunha”

A Maçonaria Regular do Brasil vem de dar mais um passo na sua jornada grandiosa, com a fundação da Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: “MESTRE HIGINO CUNHA” N. 3i, no Or.: de Teresina, Estado do Piauí, sob a obediência da Sere-niss.: Gr.: Loj.: do Rio de Janeiro, conforme o Ato N. 317, de 24 de Abril ultimo.

De acordo com o referido Ato, transportou-se de Fortaleza, para aquele Or.: a Comissão Instaladora composta dos Iir.: Edgard Antunes de Alencar, José Frederico de Andrade Alexandre Soares Gonçalez e José Capelo Camanho.

Alem das sessões de Consagração e Instalação das LLuz.: e Oof.:, realizou-se a Sess.: Magn.: de Inic.: para a admissão de novos elementos.

Os trabalhos correram em meio do mais inspirado espirito de convicção pelos nobres ideais que estruturam a secular Instituição.

A Loj.: “Mestre Higino Cunha” que possui em seu Quad.: a elite social da prospera capital do Estado do Piauí, está fadada a cooperar nos “problemas que tanto afligem a Humanidade”.

Como termino da solenidade, a “Mestre Higino Cunha” ofereceu á Comissão Instaladora, lauto banquete, servido no elegante Club dos Diarios, pela palavra eloquente do seu orador de officio, o notavel homem de letras, o Dr. Alvaro Alves Ferreira. O Ir.: Edgard Antunes de Alencar agradecendo, convidou os presentes a erguerem suas taças á prosperidade da Sereniss.: Gr.: Loj.: do Rio de Janeiro, na pessôa de seu benemerito Grão Mestre, Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio.

O brinde de honra ao Chefe da Nação foi levantado pelo Ven.: Mest.: Joaquim Macedo de Souza.

“ASTRÉA” ao consignar tão auspicioso acontecimento, envia á “MESTRE HIGINO CUNHA” as suas melhores congratulações.

Quadro Administrativo da Loj.: no exercicio de 1948-1949:

Ven.:	Joaquim Macedo de Souza
1.º Vig.:	Francisco Pereira Soares
2.º Vig.:	Ernesto Evangelista Pereira Pinto
Orad.:	Alvaro Alves Ferreira
Sec.:	Angelo Gomes Senséve
Tes.:	Jesus Rodrigues da Silva
1.º Diac.:	Clovis Lopes dos Reis
2.º Diac.:	Sady José Gedeon
Hosp.:	José Francisco de Souza

Chanc.:	Alfredo Ferreira
M. de Cer.:	Wilson Parente da Rocha Martins
Arq.:	Manoel Martins Viana
M. de Banq.:	Sebastião Alves de Medeiros
1.º Exp.:	Abdoral Pires de Souza
G. do Tem.:	Adalberto Bezerra Pires
Cob. Ext.:	Otavio Rodrigues de Lima

Séde — Rua Coelho Rodrigues n. 1143 — Terezina-Piauí

“RAMOS DE ACACIA”

É o título do livro que enfeixa lindos sonetos e poesias inspiradas no simbolismo maçônico, do Prof. Pereira de Assunção.

Recebemos um exemplar ainda datilografado e dele temos trasladado para esta revista, alguns sonetos de rara sensibilidade de estilo e concepção.

Um comunicado recente informa que “Ramos de Acacia” já está no prélo e que brevemente será lançado á publicidade.

Prevemos que alcançará merecido sucesso e que a lira do ilustre vate será coberta com as flôres da vitória.

Rua Cel. Gomes Machado, n. 146, Niteroi — Est. do Rio, é o endereço do Prof. Pereira de Assunção.

GUIA MAÇÔNICO

Devendo regressar ao Rio de Janeiro dentro de alguns meses e devido as elevadas propostas para a impressão do GUIA MAÇÔNICO, em Fortaleza, o seu autor vê-se na contingencia de aguardar poder imprimi-lo na Capital Federal.

Declara para todos os efeitos, que ainda não recebeu, nem receberá qualquer importancia antes da respectiva impressão.

Os que quiserem obtê-lo, poderão enviar seus pedidos com os respectivos endereços, afim de serem avisados da remessa na epoca oportuna.

Fortaleza, 1 de Julho de 1948

Edgard Antunes de Alencar

REDAÇÃO

Com este numero fica concluida a atual assinatura desta revista.

Somente os que lidam com as empresas editôras na época que passa, podem avaliar os sacrificios que são empenhados para ser conseguida a pontualidade para os compromissos desse genero e quanto de paciencia a dispender para as promessas que falham, e tornarmos-nos dignos de benevolencia pelas faltas que não poderam ser evitadas, máo grado o esforço de nossa bôa vontade.

Outro fator e este irremediavel, o extravio postal. Si o proprio registrado sofre extravios ignorados, quiçá a remessa pelo poste ordinario.

Os inimigos da Instituição vivem ocultos por toda parte e supõem que retirando criminosamente os seus impressos, tem o meio seguro de descobrir os seus segredos ou mesmo de produzirem o seu exterminio.

Esperamos de todos, que num instante de meditação sobre o esforço que dispendemos para correspondermos a generosa confiança que recebemos, nos dêem um pouco de tolerancia, não para perdão das faltas que não negamos, mas, para estímulo da nova tarefa que se avizinha, como um tonico moral aos nossos incentivos, invenciveis, porque a Fé é a grande fortaleza da convicção e nela tremula para todos os quadrantes, o estandarte da Esperança, que é a força indomita a destruir os impecilhos que se antepõem á jornada da Excelsa Instituição, gloriosa no seu passado secular e brilhante que será na infinita sucessão dos seculos.

Reconhecemos que o encargo que recebemos do Supremo Conselho do Barsil é superior ás nossas possibilidades intellectuais. A obediencia, é, entretanto o dever do maçõ.

“ASTRÉA” não trilhou somente o caminho exclusivo da doutrinação intellectual da Ordem, mas tambem, o da politica maçõnica, como necessaria ao conhecimento de quantos estão longinquamente afastados do nucleo dos acontecimentos.

Consignamos o nosso melhor agradecimento aos que colaboraram e escreveram as paginas mais brilhantes desta assinatura de “ASTRÉA” e reiteramos o apêlo de não abondonarem esta trincheira, de onde não partem balas mortiferas, mas os clarões que iluminam o espirito e que accionam o coração para os movimentos da Fraternidade e da Solidariedade, cnde o odio se desmorona e a inveja não viceja.

Em breve enviaremos aos assinantes da "ASTRÉA", uma Circular sobre as providencias que serão adotadas na proxima assinatura, ditadas pela experiencia colhida no periodo era expirante.

A todos o nosso sincero agradecimento.

Os que desejarem renovar suas assinaturas, deverão dirigir-se com antecedencia ao Sr. Dr. Daniel Corrêa Trindade, Redator Tesoureiro.

Caixa Postal n. 2486. Rio.

Supremo Conselho do Gráu 33 do Rito Escossês Antigo e Aceito para os Estados do Brasil

MEMBROS EFETIVOS

Nº de Ordem	Antiguidade
1 - Cap. João Marinho da Cruz	1- 6-1910
2 - Cel. Apolinario Pinheiro Moreira — Pará	25- 1-1927
3 - Dr. Álvaro Figueiredo — Sob.: Gr.: Comendador ...	10- 9-1928
4 - Cel. Pedro Jorge Brandão — Minas Gerais	29- 9-1931
5 - Dr. Daniel Corrêa Trindade — Gr.: Secretário S.: 1.:	2- 9-1934
6 - Cel. Eurico de Figueiredo Sampaio—Gr.: Min.: Est.:	2- 9-1934
7 - Dr. Edgard Antunes de Alencar	12-11-1934
8 - Cap. Dr. Attila de Mello Cherriff — Lug.: Ten.: Com.:	5- 8-1939
9 - Comte. Pedro Tiago de Figueiredo	11-11-1939
10 - Dr. José Mateus Gomes Coutinho — Ceará.....	11-11-1937
11 - Prof. Agnello Bittencourt — Amazonas	11-11-1939
12 - Dr. Carlos Reis Filho — São Paulo	9-11-1941
13 - Alipio Batista d'Oliveira — Rio Grande do Sul	14-11-1943
14 - Salvador de Araujo Fanzeres	14-11-1943
15 - Cap. José de Mattos Silva — Gr.:Cap.: das Guardas..	4-11-1943
16 - Francisco da Costa Camelo — G.: Hosp.:	14-11-1943
17 - Dr. Guilherme Wittine	14-11-1943
18 - L. Bert Love — Grande Cobridor (Honorario)	4- 6-1945
19 - Olavo Macario Figueira de Melo — Grand.: Tes.:	18- 8-1945
20 - Dr. João Tavares de Mello Cavalcanti — Paraíba do Norte	12-11-1946
21 - Eugenio de Mendonça Paes Barreto — Pernambuco	12-11-1946

(De 33 ha 12 Vagas)

MEMBRO EMÉRITO DE HONRA:

Jonh H. Cowles, Sob.: Gr.: Com.: da Jur.: Sul dos EE. Unidos da America

MEMBROS EMÉRITOS

ALVARO NUNES WEYNE — Ceará

DR. MARIO CARNEIRO DO REGO MELLO — Pernambuco

GUIA MAÇÔNICO

Será publicado brevemente o GUIA MAÇÔNICO de Edgar Antunes de Alencar, 33.º.

Destinado ao simbolismo do Rit.º. Esc.º. Ant.º. e Ac.º. o GUIA MAÇÔNICO será uma preciosa fonte da ritualística e liturgia maçônicas, com dados históricos, colhidos em compendios seculares, contendo ainda, rituais de varias cerimoniaes e clichês ilustrativos.

O GUIA MAÇÔNICO não será exposto nas livrarias mas, enviado diretamente aos que o desejem adquirir-lo e que sejam comprovadamente maçons.

Os que desejarem obter o GUIA MAÇÔNICO, podem fazer a respectiva encomenda.

RUA FLORIANO PEIXOTO, N.º 695

Fortaleza — Ceará

